

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



POVOADO CALCOLÍTICO DO PORTO TORRÃO – UMA INUMAÇÃO EM FOSSA

Nuno Neto / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

Miguel Rocha / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

Raquel Santos / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

Paulo Rebelo / Neoépica, Lda. / neoepica@gmail.com

RESUMO

A intervenção arqueológica em Porto Torrão permitiu recolher um variadíssimo espólio artefactual, bem como registar um vasto conjunto de estruturas negativas e positivas. O presente artigo foca o enterramento efectuada numa das estruturas negativas, junto ao qual foi possível identificar um vasto espólio funerário enquadrável cronologicamente em época Calcolítica.

ABSTRACT

The archaeological intervention in Porto Torrão allowed to collect a great number of artifacts and register a vast set of negative and positive structures. This article focuses on one of the burial negative structures, in which it was possible to identify a wide range of funeral artifacts from the Chalcolithic period.

PONTO I: INTRODUÇÃO

O Povoado do Porto Torrão situa-se no concelho de Ferreira do Alentejo e tem vindo a ser intervencionado já desde a década de 80 do século XX, altura em que José Morais Arnaud aí realizou trabalhos de prospecção e escavação. Já em 2000, também a empresa ERA efectuou ali trabalhos de escavação. Em 2008, a Neoépica executou trabalhos na área do povoado, promovidos e financiados pela EDIA, S.A., continuados numa segunda fase, já em 2009, no decurso da qual foram escavados mais de 3000m², divididos por três equipas distintas das empresas Neoépica, Archeoestudos e Crivarque.

No que respeita aos contextos funerários, os trabalhos realizados pela Neoépica permitiram identificar, na primeira fase, três enterramentos em fossa no Sector III e, na segunda fase, um enterramento em fossa na área I do Sector I, sobre o qual nos focaremos, para além de vários elementos osteológicos humanos descontextualizados.

PONTO II: FOSSA [1250] – O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

A fossa [1250] foi detectada no limite Sul da área I

do Sector I. Após a sua identificação, foi dividida em duas partes, de forma a manter um registo estratigráfico em corte, escavando-se primeiramente o seu lado Norte e, posteriormente, o lado Sul, altura em que surgiu o enterramento. Apresenta formato sub-circular, paredes introvertidas e fundo plano, com cerca de 1,70m de diâmetro e 1m de profundidade. Com apenas três camadas de enchimento ([1249], [1262] e [1264]), continha uma inumação de mulher jovem em posição fetal ([1289]), junto à qual se identificaram numerosos materiais que se poderão interpretar como espólio funerário (Figura 1).

PONTO III: CULTURA MATERIAL E PERSPECTIVAS CRONOLÓGICAS

Através de uma observação iminentemente morfológica, procuramos enquadrar cronológica e espacialmente a realidade arqueológica. A reconstrução dos momentos vividos, preservados neste contexto arqueológico, bem como os seus diferentes significados sociais são o objectivo único da nossa interpretação. Esta será sempre e apenas parte de uma visão da realidade então vivida, inevitavelmente de carácter interpretativo e sempre sujeita a revisão ou desconstrução.

III.1. Cultura Material

III.1.1 Recipientes e outros objectos cerâmicos

A análise dos recipientes cerâmicos tomou em conta vários critérios de diferenciação morfológica e os seus correlativos cronológicos, nomeadamente no que diz respeito às formas abertas de bordo espessado. Optou-se por formular uma seriação com base nas considerações de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (1981 e 2011), João Luís Cardoso (1995), António C. Valera (1997 e 1998) e Victor Gonçalves (2003²). De um modo geral, o conjunto cerâmico identificado (constituído pelo mobiliário funerário e restante espólio identificado na fossa) é marcado pela presença de pratos, taças carenadas e várias formas afins

da esférica – taças, tigelas, potes e vasos. Para além destes, registaram-se formas em número pouco expressivo (copos, vasos troncocónicos, mini-vasos e potes de paredes convergentes) (*vide* Tabela 1). A elevada fragmentação de parte do conjunto resultou na não determinação de algumas formas (16,67%). Apesar desta situação registaram-se vários casos em que as cerâmicas se encontram inteiras, de perfil completo ou com uma parte substancial do corpo reconstituída. Não se registaram decorações, apenas elementos mamilares em três potes esféricos. Igualmente em cerâmica registaram-se 67 crescentes e 11 placas de tear, de dimensões e morfologias variadas (Figura 2).

Tabela 1 – Frequências absolutas e relativas das formas de recipientes cerâmicos

Recipientes cerâmicos	[1249]		[1262]		[1264]		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prato de bordo simples	7	5,83%	0	0	0	0	7	4,35%
Prato de bordo espessado	20	16,67%	0	0	11	33,33%	31	19,26%
Taça de bordo simples	16	13,33%	0	0	3	9,09%	19	11,80%
Taça de bordo espessado	2	1,67%	1	12,5%	2	6,06%	5	3,11%
Taça carenada	5	4,17%	1	12,5%	1	3,03%	7	4,35%
Tigela	2	1,67%	0	0	0	0	2	1,24%
Pote de paredes convergentes	1	0,83%	0	0	0	0	1	0,62%
Pote esférico	37	30,83%	5	62,5%	11	33,33%	53	32,92%
Pote globular	6	5%	0	0	3	9,09%	9	5,59%
Vaso troncocónico	1	0,83%	0	0	0	0	1	0,62%
Copo	1	0,83%	0	0	0	0	1	0,62%
Mini-vaso	2	1,67%	0	0	0	0	2	1,24%
Indeterminado	20	16,67%	1	12,5%	2	6,06%	23	14,29%
Total	120	100%	8	100%	33	99,99%	161	100,01%

III.1.2 Material Lítico

Pedra lascada / Pedra polida

O conjunto em pedra lascada é composto por 14 elementos, na maioria em quartzo, única litologia sobre a qual surgiram vários subprodutos de debitage. Em sílex recolheu-se uma ponta de seta de base côncava e duas lâminas de secção trapezoidal, intensamente retocadas com um retoque contínuo, abrupto e escaladiforme (FIGURA 3 e 4). O facto de ambas apresentarem fractura proximal e mesial dificulta a sua leitura. Foi ainda identificado um fragmento de xisto com retoque contínuo, escaladiforme. No que concerne à pedra polida afeição registaram-se dois machados, um percutor, oito dormentes e um movente. Os machados encontram-se inteiros,

em anfibolito, de secção transversal sub-rectangular, encontrando-se integralmente polidos. Apresentam índices de alongamento (IA) de 6,056cm e 5,934cm e de espessamento (IE) de 3,167cm e 2,528cm. O gume apresenta-se com ligeiros sinais de uso num caso e rombo noutro, indicando um claro uso prévio à sua deposição final (Figura 5). O percutor, de morfologia sub-rectangular, encontrava-se desgastado pelo intenso uso em todos os ângulos de embate possíveis. Possui as medidas de 9cm x 7,9cm x 5,9cm, com 688g.

Dos vários elementos de moagem identificados realçamos um que, pela acentuada concavidade que apresenta no centro e por ser numa rocha xistosa, deverá ter possuído outra função que não a de mo-

agem de cereais. Os dormentes encontram-se todos fragmentados, bem como o movente, todos constituídos por rochas graníticas.

III.1.3 Outros elementos: objectos ósseos, votivos e ecofactos

O registo material completa-se com três furadores, um objecto indeterminado em osso, uma placa de xisto, um ídolo-bétilo e um ídolo-falange. Os furadores encontram-se polidos e num caso com sinais de combustão. Em relação aos ídolos remetemos para o já abordado (*vide Rocha et alii*, 2011), realçando que no caso da placa de xisto a sua cabeça é definida por dois olhos solares perfurados, encimados por duas «sobrancelhas» preenchidas com traços de tendência vertical, tendo ao centro um elemento vertical (nariz?) reticulado (Figura 6). Reportório lido como sinal de uma nova divindade – a Deusa dos Olhos de Sol (Gonçalves, 2003. pp.43-46, 78).

III.2 Mobiliário funerário

O mobiliário funerário merecerá uma análise mais aprofundada que, por razões de espaço, não caberá aqui destacar. Dentro deste material, deve salientar-se o caso específico dos dormentes que, à excepção de um que se encontrava na base, foram colocados a cobrir o corpo. Quase sempre de grande dimensão, parecem ter funcionado como elemento estrutural, sinalizador do enterramento, cobrindo-o numa lógica ritual.

Quanto ao restante espólio, foram considerados como voto ao defunto os artefactos inteiros ou fragmentados em conexão que se encontravam sobre a inumação ou o conjunto de dormentes: três pratos, um pote esférico e um globular com quatro mamilos cada, uma tigela, um suporte cilíndrico, uma taça de boca elíptica e dois mini-vasos (Figura 7); dois machados, um percutor, uma ponta de seta, duas lâminas retocadas, dois ídolos e alguns instrumentos em osso. Destaca-se a placa de xisto que surge em todos os tipos de enterramento dos finais do 4º milénio à 1ª metade do 3º milénio a.C. (Gonçalves, 2003, p. 163-164). Desta forma, numa primeira análise, estaremos perante a presença de vários elementos que estariam ligados ao quotidiano do inumado (ou da comunidade em geral) e que iriam com ele para a sua próxima forma existencial.

III.3 Perspectivas Cronológicas

A cultura material identificada define-se pela pre-

sença de elementos de tradição neolítica e calcolítica (*vide* González Cordero, 1993 p.242; Soares e Cabral, 1993, p.221; Silva, Soares e Cardoso, 1995, p.160; Valera, 1998, Gonçalves, 2003²). Não se registaram discrepâncias estatisticamente significativas¹ que possam antever um faseamento lato no enchimento da estrutura em fossa: tudo se terá processado num mesmo momento ou em vários temporalmente próximos. O conjunto cerâmico caracteriza-se pela coexistência de taças carenadas e pratos de bordo simples e espessado, mas também pelas taças de bordo simples e espessado, bem como pelas formas fechadas com base na esfera, por vezes com pegas mamilares. Os crescentes dominam face às placas de tear, estando presentes machados, percutores e elementos de moagem, para além da indústria óssea e lítica típica destes períodos (*vide* Gonçalves, 2003², pp.95-99 e 162; Salvado, 2004).

Face a este quadro, é possível descrever esta realidade como pertencente a um período de transição entre o Neolítico (originário do sítio, *vide* Valera e Filipe, 2004) e o Calcolítico, ou, por outras palavras, de formação do segundo, com a incorporação de elementos característicos de ambos (*vide* González Cordero, 1993, p.255; Silva, Soares e Cardoso, 1995; Valera, 1998). Em termos cronológicos, este reportório material tem sido aduzido entre finais do IVº milénio e a 1ª metade do IIIº milénio a.C. (*vide* Valera, 1998; Silva e Soares, 2010). Todavia, um registo material semelhante tem sido interpretado quer no Calcolítico Inicial (Silva e Soares, 1987, p.65; Silva, Soares e Cardoso, 1995; Valera, 1998, p. 97; 2000, p.35), quer no Pleno (Valera e Filipe, 2004). É expectável que a presença quantitativa de alguns dos elementos definidores destas fases crono-culturais possua variações conforme sítios ou áreas mais específicos, sendo que estas abordagens se referem à realidade do Sudoeste Peninsular.

Neste contexto concreto, convém salientar que o mobiliário funerário constitui-se de pratos espessados, entre outras cerâmicas, sem presença de qualquer taça carenada. Assim, a camada que cobriu o enterramento revelará numa única acção a deposição de vestígios materiais que não possuem um carácter ritual, podendo corresponder a várias fases crono-culturais do sítio, por oposição ao espólio fu-

1. A diferença visível, essencialmente na camada [1262], resulta de uma amostra demasiado reduzida para se poderem retirar conclusões profundas, do ponto de vista cronológico.

nerário que representa um momento mais localizado e concreto no tempo, em resultado da sua acção propositada. Isto é, resulta de um intuito de prestar voto ao defunto, enquanto os materiais da camada de enchimento poderão não ter esse fim. Portanto, se por um lado temos presente uma realidade material com elementos de tradição neolítica e calcolítica, por outro devemos considerar o espólio funerário como um possível indicador de uma cronologia mais recente do enterramento. Não consideramos, contudo, a ausência da taça carenada como um elemento que nos diga de forma *sine qua non* que estaremos perante um momento correspondente àquilo que vem sendo atribuído ao Calcolítico Pleno. Não negamos a sua localização no período inicial do Calcolítico, deixando em aberto uma possível pertença ao Calcolítico Pleno. Só um estudo crítico mais aprofundado, acompanhado de datações por radiocarbono, poderá esclarecer algumas dúvidas levantadas (Figura 8).

PONTO IV: ANÁLISE ANTROPOLÓGICA

Do ponto de vista antropológico, no que respeita à idade à morte do indivíduo exumado, os terceiros molares erupcionados e as epífises todas fundidas apontam para idade adulta. Já os indicadores sexuais presentes no coxal e no crânio são tipicamente femininos, tal como sucede com os indicadores osteométricos da tibia. Relativamente à antropologia funerária, a inumação encontrava-se no fundo de uma fossa circular individual escavada na camada geológica, com orientação de 290°-110° (O-E), em posição hiperflectida, sobre o lado direito. Todas as conexões anatómicas se encontravam fechadas, pressupondo decomposição em espaço fechado (Figura 9).

PONTO V: CONCLUSÕES

A análise da inumação [1289] e o conjunto material em associação parece indicar uma estratégia de colmatação onde, após a colocação do corpo associado a diverso espólio, se foram sobrepondo diferentes níveis de sedimento onde se dispõem variados artefactos e elementos de moagem. Para além do diverso espólio que possui um carácter votivo de oferenda, destaca-se a presença, ao longo de toda a sequência que colmata o enterramento, dos elementos de moagem. O emprego destes artefactos, relacionados

funcionalmente com a moagem do cereal, numa estratégia consistente, terá tido por objectivo aspectos de carácter ritual ligados quer à sinalização da inumação, quer à marcação do género do defunto e/ou a sua ligação ao quotidiano do seu tempo de vida.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, José Morais (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas”. *Vipasca*. Aljustrel. 2, pp. 41-61.

CARDOSO, João Luís (2010) – Leceia: a evolução do sistema defensivo. In GONÇALVES, Victor; SOUSA, Ana Catarina (eds.) – *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénio a.n.e.*, Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 4-7 Outubro 2005). Cascais, Câmara Municipal.

GONÇALVES, Victor (2003²) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos: Leituras críticas de realidades perdidas (Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal)*. Cascais: Câmara Municipal.

GONZÁLEZ CORDERO, Antonio (1993) – Evolucion, yacimientos y secuencia en la Edad del Cobre en la Alta Extremadura. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33: 3-4, pp. 237-259.

ROCHA, Miguel; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel; NETO, Nuno (2011) – Contextos e objectos simbólico-religiosos do Porto Torrão: os ídolos e as placas de xisto. *Promontoria Monográfica, Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*. Faro. 16, 399-406.

SOARES, António Monge; CABRAL, João Peixoto (1993) – Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33: 3-4, pp. 217-235.

SALVADO, Maria Clara Barreto Ruivo da Silva (2004) – Apontamentos sobre a utilização do osso no Neolítico e Calcolítico da Península de Lisboa: As colecções do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Suplemento 2.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1981) – *Pré--História da Área de Sines: trabalhos arqueológicos de 1972-77*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1987) – O Povoado Fortificado Calcolítico do Monte da Tumba I: Escavações Arqueológicas de 1982-86 (Resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, pp. 29-79.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2010) – O povoado fortificado do Porto das Carretas. In GONÇALVES, Victor; SOUSA, Ana Catarina (eds.) – *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénio a.n.e.*, Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 4-7 Outubro 2005). Cascais, Câmara Municipal.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; CARDOSO, João Luís (1995) – Os povoados fortificados de Leceia e Monte da Tumba: elementos para um estudo comparado. In KUNST, Michael (coord.) – Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica (Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras. 3-5 Abril 1987). Trabalhos de Arqueologia. Lisboa. 7, pp. 159-168.

SOARES, António Monge; SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2007) – A datação pelo radiocarbono das fases de ocupação do Porto das Carretas: algumas reflexões sobre a cronologia do Campaniforme. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10: 1, pp. 127-134.

VALERA, António (1997) – O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): Aspectos da calcolitização da Bacia do Alto Mondego. *Textos Monográficos*. Lisboa. 1.

VALERA, António (1998) – Análise da componente cerâmica. In LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; VALERA, António; ALBERGARIA, João; ALMEIDA, Francisco; CARVALHO, António Faustino – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1: 1, pp. 80-104.

VALERA, António (2000) - Moinho de Valadares e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar. *Era Arqueologia*. Lisboa. 1, pp. 21-37.

VALERA, António; FILIPE, Iola (2004) – O Povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste Peninsular. *Era Arqueologia*. Lisboa. 6, pp. 28-61.

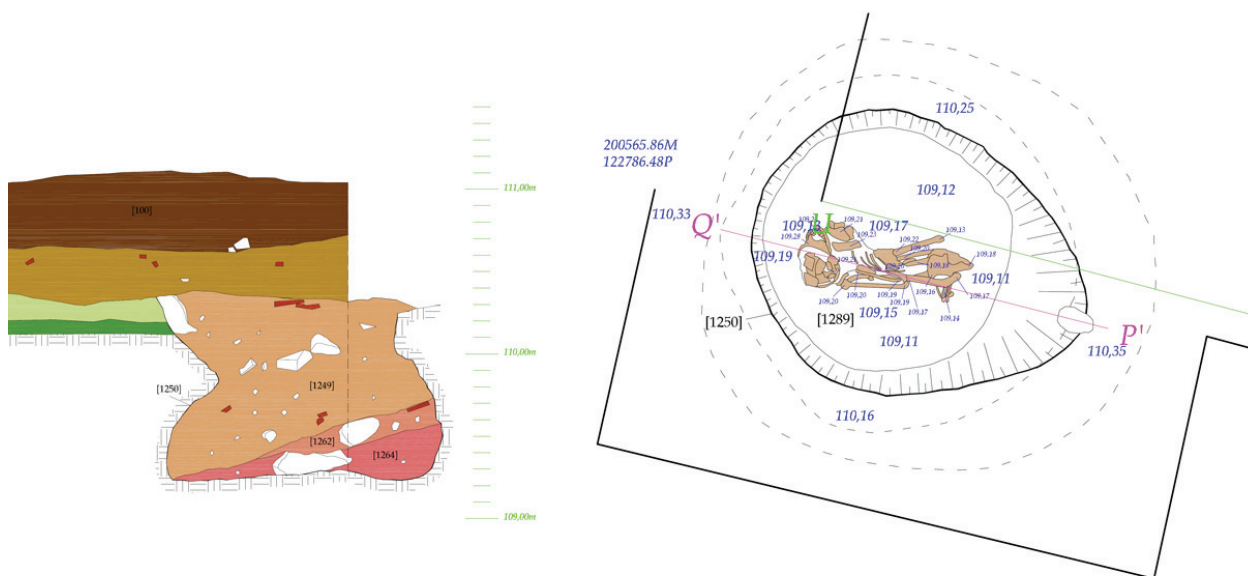


Figura 1 – Representação gráfica do contexto: corte estratigráfico e plano final da fossa [1250].

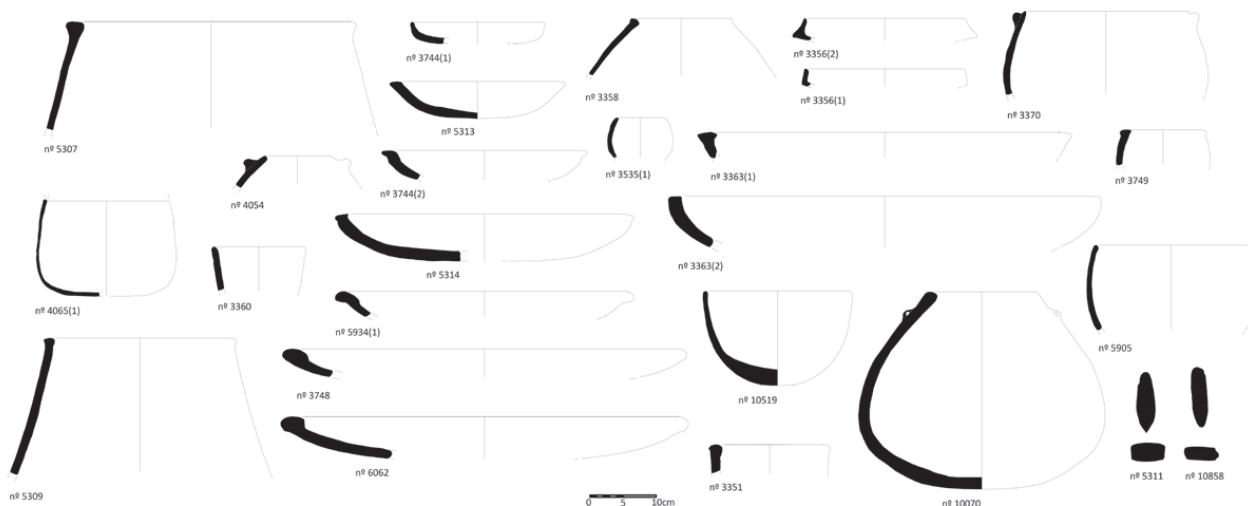


Figura 2 – Materiais cerâmicos exumados na fossa [1250]. Nº 3351 – Vaso hemisférico; nº 3356(1) – Taça carenada troncocônica; nº 3356(2) – Taça carenada hiperbolóide; nº 3358 – Globular bi-espessado; nº 3360 – Copo; nº 3363(1) – Taça de bordo bi-espessado; nº 3363(2) – Taça de bordo direito; nº 3370 – Esférico com mamilo; nº 3535(1) – Esférico; nº 3744(1) – Prato sem espessamento; nº 3744(2) – Prato espessado externamente; nº 3748 – Prato de bordo espessado; nº 3749 – Esférico de bordo espessado; nº 4054 – Globular simples com pega; nº 4065(1) – Pote de paredes convergentes; nº 5307 – Esférico de bordo espessado; nº 5309 – Vaso troncocônico; nº 5311 – machado; nº 5313 – Prato de bordo espessado internamente; nº 5314 – Prato de bordo bi-espessado; nº 5905 – Esférico; nº 5934(1) – Prato espessado internamente; nº 6062 – Prato de bordo almendrado; nº 10070 – Globular; nº 10519 – Tijela; nº 10858 – machado.

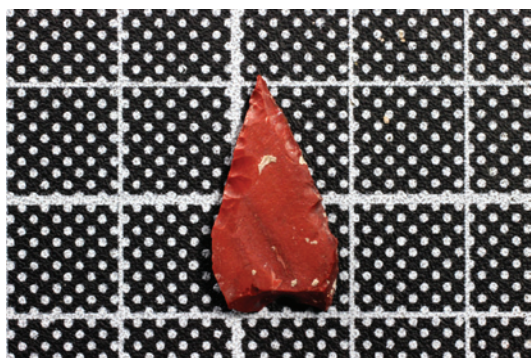


Figura 3 – Ponta de seta.



Figura 4 – Lâminas.



Figura 5 – Machado.



Figura 6 – Placa de Xisto.



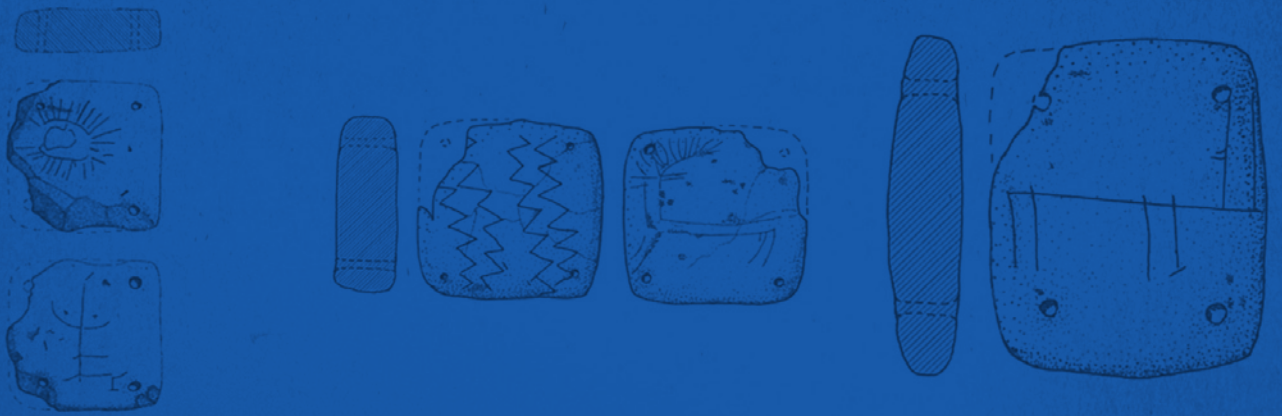
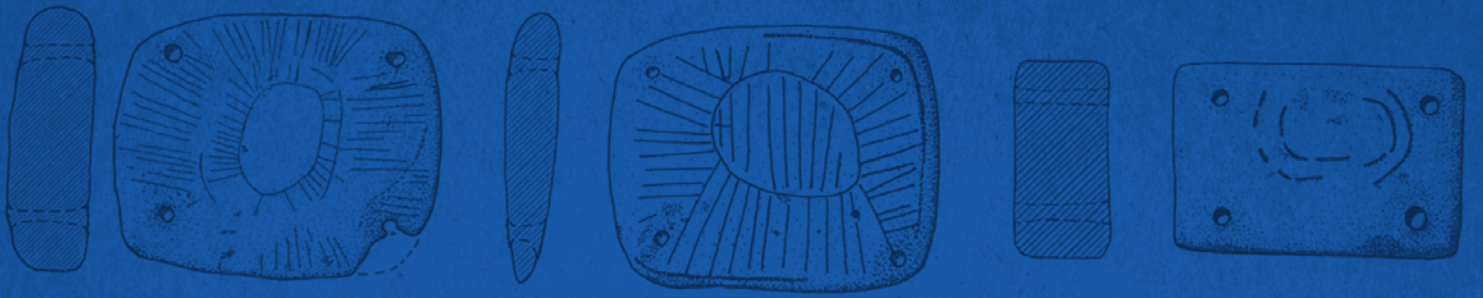
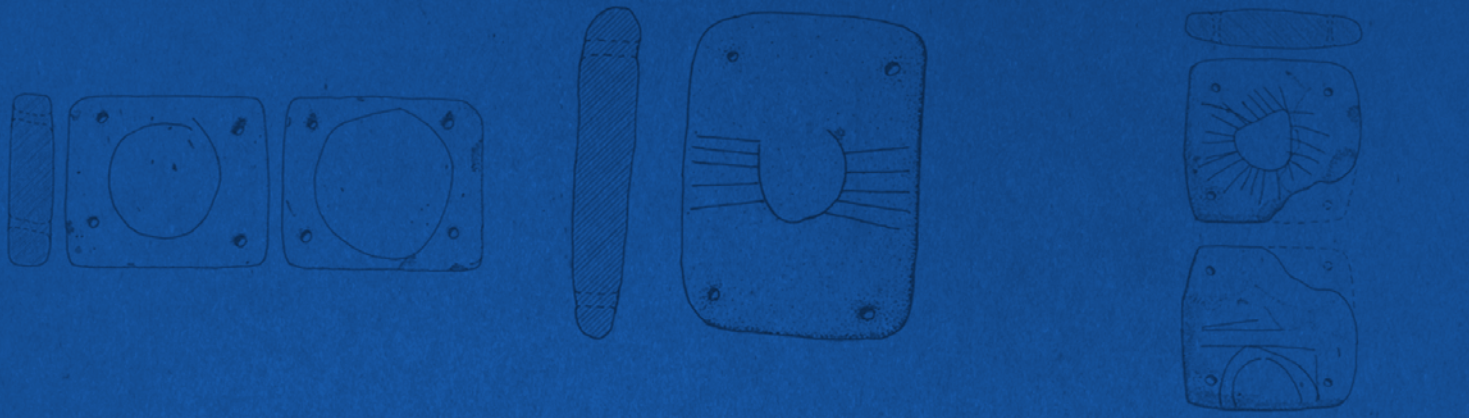
Figura 7 – Conjunto cerâmico que constituiu o espólio funerário.



Figura 8 – Escavação da fossa [1250], plano da camada [1249].



Figura 9 – Escavação da fossa [1250], plano do enterramento [1289].



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua